

Paulo Osorio

# Aguilhadadas

Publicação mensal  
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 9 — Abril de 1904

*Os livros novos dos srs. Guerra Jun-  
queiro, Coelho Netto, Justino de  
Montalvão, Affonso Lopes-Vieira,  
Julio Brandão, Bazilio Telles e  
Alfredo Pimenta.*

*O sr. Pequito, ministro da fazenda.*

PORTO \* \* \* \* \*  
ADMINISTRAÇÃO : AVENIDA DE CARREIROS, 250 \* \* \*  
TYP. A VAPOR DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA \*  
EDITOR — ALBERTO FERREIRA DAS NEVES \* \* \* \*

1870

1870

# AGUILHADAS

N.º 9 — ABRIL DE 1904

---

## *Summario*

Os livros novos, as suas tolices e as suas virtudes. *A Oração à Luz*, do sr. Guerra Junqueiro e a therapeutica de bifés do mesmo eminente homem de letras. Uma amostra da obra e a fiel exposição do que ella é. *O Sertão*, do sr. Coelho Netto e arte brasileira. *Os Destinos* do sr. Justino de Montalvão e o dandysmo litterario. O « *Marques* », do sr. Affonso Lopes-Vieira. O silencio da imprensa e o successo litterario que se mendiga. O esquecimento como destino final d'uma obra boa. Um novellista illustre. *Os Perfis Suaves* do sr. Julio Brandão. Considerações sobre a suavidade dos mencionados perfis. *A Carestia da vida nos campos*, do sr. Bazilio Telles. *O Eu*, do sr. Alfredo Pimenta e argumentos pelos quaes se prova que esse sr. é um imbecil : Observações, diagnostico, therapeutica, bibliographia e conclusões. — O sr. Pequito, ministro da fazenda e sua afinidade com a Gilda do *Rigoletto*. Estabelece-se o confronto, fazem-se prophcias e termina-se, como na opera, pelo desespero do homensinho da vingança. Cae o panno.

## Livros Novos

ORAÇÃO Á LUZ, por Guerra Junqueiro.

Flaubert possuia com o rotulo de *Le dossier de la sottise humaine* uma curiosa collecção de disparates escriptos ou pronunciados por grandes homens. Lá figuravam De Maistre, Napoleão, Montesquieu e o proprio Hugo, e lá figurariam, se as circumstancias chronologicas o permittissem e a fama do poeta chegasse até Paris, as modernas *Orações* do sr. Guerra Junqueiro. Porquanto esses opusculos e mais os conceitos de alta philosophia que andam a cahir aos bocadinhos dos labios do propheta de Freixo de Espada-á-Cinta, divinizados muito embora pelos criticantes parvinhos das folhas, seriam coisas para não tomar a serio, se o seu character nosocomico lhes não disfarçasse dolorosamente o grotesco e se ao nome do auctor não trouxessem adstricta a imposição do respeito por um passado illustre.

A moderna orientação litteraria do sr. Junqueiro — se o caso tem jus ás pompas d'uma denominação d'esse feitio — teve publicamente a sua origem em uma *nota* com que termina o volume dos *Simples*. Ahi, na sua prosa de periodos curtos, sonoros, apocalypticos, cheios de solemnidade e retumbancia, o poeta faz, com a exhibição divertida d'uma vaidade extrema, revelações profundas: esteve doente, sentiu-se á beira da morte e deu-lhe para pensar nos insondaveis problemas da existencia, leu billiões de paginas e decifrou charadas, pediu confidencias á historia natural, perguntou coisas á razão e á consciencia, deu balanço a si proprio e conseguiu, ao cabo de tão laborioso e bizarro processo, «ter do universo uma ideia methodica e definitiva.»

Essa concepção genial anda no chôco, pois, ha doze annos e d'ella apenas até hoje veio á luz um projecto de simplicidade e de renuncia condimentado com os afazeres da viticultura, a permanencia em bons hoteis e o pantheismo rethorico das orações, e mais uma complicada historia de therapeutica de bifés, coisa engraçada que maravilhou a ingenuidade ignorante d'um reporter lisboeta.

Deante do nome de Junqueiro ha ainda um fetichismo que perturba a acção d'um criterio sereno e põe de cocoras a grande maioria do publico que lê; as edições dos seus livros esgotam-se e a cada verso seu, por mais rethorico, mais ôco,

mais banal e inexpressivo, ha um brado de admiração de cinco mil e novecentos d'entre os seis mil compradores das suas obras. A imprensa curva-se n'uma larga reverencia emquanto o genio passa e a olha d'alto, com aquelle olhinho estroina que assassinou n'outros tempos o libertino D. João e ainda de vez em quando surge inadvertidamente na ascetica figura do moderno precursor de enormes coisas. Essa entrevista que um jornal de Lisboa ha pouco publicou é um caso typico: o jornalista curvou-se tanto, tanto, que revelou a propria indigencia nos fundilhos...

Ora essa *Oração á luz* agora surta e em volta da qual eu já escuto um côro de saudações de ensurdecer, não passa em boa justiça da obra infeliz d'um rethorico de força que não encontra no decorrer de trinta e duas paginas um pedacito de emoção que anime um pouco aquella torrente de maus versos, deploraveis como feitura metrica e d'uma vacuidade tal de fazer dó. Querem um excerpto? Pois leiam isto:

«Materia bruta

Não vê, não fala, não escuta,

Não pode amar,

Sem se tocar.

Quando se toca é que se liga,

Tem de ser densa para ser amiga.

Na rude e baixa natureza

O amor é solidez, a affeição é dureza.

E por isso o cristal

E' um verdadeiro santo mineral.»

E digam-me agora o que é isso como concepção ou como forma, se ha ahi um verso que o seja em termos, se ha vislumbres de qualquer philosophia n'essas palavras que eu diria feitas para *epater* n'um proposito de troça, se as não attribuisse á desordenação, temporaria talvez, mas de qualquer modo irrecusavel, d'um cerebro doente.

O sr. Guerra Junqueiro, na já citada nota appensa aos *Simples*, escreveu que a forma poetica da sua obra ia a caminho da evolução final.

E' talvez a seu ver essa evolução, nem mais nem menos, a coisa chôcha e destrambelhada que na *Oração á luz* agora vem. Mau é que o seja; uma rethorica de vista n'uma forma litteraria anemica a tal ponto consegue o mesmo que umas cordas magnificas n'um reles violino. Nem pois se lhe salva mesmo essa rethorica que havia de ter sempre admiradores sinceros, n'uma patria em que o zabumba do Zé Pereira pertence ás tradições nacionaes.

O que sejam as futuras obras do snr. Guerra Junqueiro é facil de prever. Em verso fará orações da mesma especie a todas as coisas e acabará por fazer uma a si proprio como força cosmica de primeira grandêza; em prosa dar-nos-ha philosophia abstrusa, com simulacros de ideias afogados em catadupas sonoras de palavras. Continuará a

ter successo, porque o publico é ainda um pouco como aquella amorosa d'uma comedia de Camillo que só acceitava com amor as cartas dos Manfredos quando não percebia patavina: o leitor portuguez, em geral, quando não percebe, gosta.

E, lido isto, alguém poderá perguntar-me se o facto de eu considerar os modernos trabalhos do sr. Guerra Junqueiro elaborados em condições um tanto anormaes do seu espirito, juntamente com a lembrança da sua bella obra antiga, não seria razão bastante para me impor o respeito e, por consequencia, o silencio. E eu respondo: era... se meio cento de patetinhas não andassem por ahi estafando o nome do poeta, a apregoar-lhe o genio quando elle lhes arremessa uma phrase de solemnissimo estrondo ou lhes promette tirar, com postas de carne assada, as dôres dos callos.

SERTÃO, por Coelho Netto.

A segunda edição d'este livro, publicada em Portugal, tem o merito de nos mostrar que no Brasil se escreve muito melhor e com muito mais talento do que cada um de nós, na sua desconfiada ignorancia, ia pensando.

De facto, a arte tem na antiga colonia lusitana excepçionaes condições para poder fructificar em bellas coisas. E' um paiz novo, prospero, pleno de vida, com uma raça apaixonadamente

sensual, creada á luz d'um sol ardente e uma natureza riquissima, cheia de côr, — capaz decerto d'uma arte original, intensa, regorgitando de vigor e de saude...

Este livro *Sertão* contem meia duzia de trechos que denunciam toda a pujança d'um talento exuberante e o fino sentimento d'arte d'uma creatura de bom gosto. Por entre coisas de menos vulto como *O enterro*, *Madovi* e mesmo a *Céga*, apparecem-nos maravilhas de concepção e de feitura como a *Praga*, *Os velhos* e essa tragica *Tapera* que é indubitavelmente uma obra-prima. Equilibrado, perfeito, n'uma harmonia que uma fina aresta não corta, este ultimo conto é, a meu ver, o melhor de todo o livro e por si faria bem a gloria d'um nome.

Em toda esta obra do illustre prosador brasileiro é o proprio sertão que nos surge e evocado d'uma forma tão suggestiva, n'um descriptivo que a tal ponto se grava no nosso espirito que logo aquella vida interessante que ignoravamos nos apparece lucidamente, como um conhecimento familiar de ha muito tempo.

O sr. Coelho Netto pretende ser um escriptor nacional e naturalmente o consegue; de modo que na sua obra não existe, nem por sombras, aquella imitação servil e deploravel dos modelos francêses em que são uzeiros e vezeiros alguns mais notaveis dos seus irmãos em letras. Nos seus contos ha, como é natural, uma atten-

ção grande pelo decorativo da paisagem que colloca em algumas das suas tragedias um panno de fundo que as avulta e ha tambem a pintura fiel do character supersticioso d'aquelle povo semi-barbaro, que leva a vida entre as sombras da floresta, cheia de mysterios quando cae a noite com os gritos dos seus passaros sinistros e a toada do vento cantando tristemente pela silenciosa paz das ramarias.

Depois, ainda a cada passo surge com violencia o sensualismo rubro da raça que se espreguiça ao sol d'um paiz quente, e tudo isso nos vem n'uma prosa bizarra, d'um colorido forte que deslumbra.

Na linguagem é bem o proprio dialecto brasileiro que nos apparece, resultante da fusão dos idiomas da gente escura com o portugûes classico que um crusamento de raças, feito sempre alli sem reluctancia, a pouco e pouco foi modificando ou corrompendo.

N'este livro do sr. Coelho Netto nota-se ainda e finalmente a tendencia para marcar em cada uma das suas obras o traço saliente da tragedia, longe do preciosismo de pequenos quadros leves, que de resto não vingaria de geito sem o predicado da *ironia* que tão avesso é aos brasileiros, por *motivos* que o seu compatriota José Verissimo já uma vez expoz com clareza. É n'esses amplos quadros, d'uma dramatização larga e intensa que o eminente prosador affirma com destaque as qualidades primorosas d'um temperamento excepcional d'artista.

## OS DESTINOS, por Justino de Montalvão.

Justino de Montalvão é sem duvida um dos mais rigorosos typos de dandy das nossas letras. A sua prosa tem a opulencia guarnecida do preciosismo rico e a linha apumada e grave que uma emoção violenta não desmancha. E é precisamente no brilho d'essa forma sobrecarregada de imagens, colorida por vezes em excesso mas sempre original e quasi sempre bella, que reside a parte basilar da sua esthetica, toda a razão de ser artistica da sua obra.

No auctor dos *Destinos* ha a hypertrophia d'essa obceção constante da phrase litteraria que em qualquer grau possuimos todos nós, os que escrevemos. Deante da dôr humana, onde quer que ella se manifeste, o artista decerto se commove, por que o talento quasi sempre coincide com a bondade, mas simultaneamente vae pensando na intensidade do caso n'uma pagina e no effeito oportuno d'alguma imagem rara. Esse desdobramento de personalidade verifica-se com maior ou menor destaque em toda a vida do artista. Nos seus soffrimentos, como nas suas alegrias, nos seus amores e nos seus ridiculos, nos proprios momentos d'exaltação mais violenta, está sempre o outro eu graphomaniaco a fazer romance, a commentar sorrindo, a endireitar a sonoridade tosca d'um periodo, a metter de sua lavra, em meio de palavras sinceras, uma postica phrase de mais brilho. E

de tal modo, levando isso por questões de temperamento a um grau mais alto, assim como o janota que poisa para o mundo em suas elegancias, quando sabe d'um caso de miseria, dá uma esmola, de cinco tostões e põe a dadiva nas folhas, assim o dandy litterario, quando encara um aspecto tragico da vida dos humildes, faz-lhes a graça magnanima de dois adjectivos que o editor se encarrega de tornar publicos depois.

Só entrando em considerações d'este feitio, eu poderei sem embaraços, justificar a inferioridade do extenso conto *Soror Dolorosa* que abre a colleção abundante dos *Destinos*. O auctor encontra á beira do rio, prestres a afogar-se, uma mulher do povo, sustem-na, interroga-a e eis que ella começa a contar a sua historia largamente, a ponto de, phrases volvidas, já não ser a pobre mulher que falla como é natural que falle uma mulher do povo, mas Justino de Montalvão, elle mesmo, muito a seu prazer, fazendo estylo. Ora é preciso frisar que se não trata aqui d'uma deshonestidade litteraria; eu acredito na emoção do artista e por consequencia na sinceridade com que a exterioriza, porquanto a intervenção — que n'este caso se exagera — d'aquelle outro eu de que fallei ha pouco, se pode ser consciente (e é-o muitas vezes) nem por isso deixa de se esquivar á acção directa da vontade. Comtudo o defeito apontado no conto de Justino é capital e diga-se de passagem que o auctor podia bem livrar-se d'elle se rodeasse a

difficuldade, contando o que ouviu sem cuidar de reproduzir as proprias palavras da mulher. Assim poderia escrever o que quizesse e como melhor servisse ao seu temperamento e ao seu bom gosto, porisso que, se eu não vejo sem estranheza uma fiandeira brunindo louçanias de locução e redondando phrases raras, consinto sem reluctancia que ella possua maravilhas de sentimento no seu peito de pobre. Dos outros trechos dos *Destinos*, destacarei o *Conto dos Reis*, *A Estatua* e *Saudades de Amarylly* como sendo aquelles em que o escriptor melhor vae, dentro dos seus processos d'arte, ao correr d'uma phantasia sempre viva, bizarra uma vez por outra, e onde de tempos a tempos se tem o bom achado d'um imprevisto que interessa. Ao contrario, a *Historia d'um encontro* e *D. Juan moderno* parecem-me mal alli, fadados como eram para morrer, mais ou menos gloriosamente, nas columnas do jornal em que sahiram.

Mas o *Conto dos Reis* é interessante, *A Estatua* tem vida e eu penso n'este momento que, do seu dandysmo, ao escriptor só é permittido sahir sem *gaucherie* para arroubos sensuaes d'aquelle genero. Porque vae então bem com o Justino de Montalvão que nós conhecemos, com toda a sua musculosa saude de homem rijo em quem a arte morbida d'esse adoravel e irregular Antonio Nobre, por vezes esboçada no seu livro, se não ajusta, inanimada, fria, como uma obra prima de alfaiate espetada no pau talhado d'uma môna.

E' por isso mesmo que as *Saudades de Amarylis* me agradam. Na sua prosa menos esforçada, mais espontanea, talvez mais expressiva, resoa no fim de contas um sadio cantico á vida e eu tenho a impressão talvez errada de que o auctor escreveu aquellas paginas mais á vontade, mais á larga, que as outras em que nos conta, n'uma melancolia longa, a morte da amorosa T'rezinha ao pé do mar. Pois se a arte tem de ser um pedaço da natureza visto através d'um temperamento, segundo a definição bem conhecida, a mim me parece que a natureza vista através do temperamento de Justino de Montalvão mais deve ter a doçura do dithyrambo que o travor d'uma elegia.

« MARQUES », por Affonso Lopes-Vieira.

Este livro passou através do silencio quasi geral da nossa imprensa. No Porto ao que parece apenas um jornal se lhe referiu ligeiramente e em Lisboa dois ou três dos criticos de varias côres que lá existem disseram duas coisas, com um soberbo ar de protecção benevolente. Ficará pois sendo este um ignorado livro, n'uma terra como a nossa em que o successo litterario se mendiga humilhantemente ao mais somenos escrevedor das folhas e em que o publico não compra em obra impressa senão marcas conhecidas ou que

lhe empurre com ruido esse reclamo que é mister se solicite de chapéu na mão, como uma esmola.

Comtudo este volume contem a estreia mais brilhante d'entre todas as dos nossos prosadores dos ultimos tempos. Obra feita com sinceridade, obra feita com talento, sem preciosismos catitas de piza-flôres nem arremedos banaes de coisas lidas, ella impõe-se como a garantia d'uma irrecusavel vocação de novellista.

Esse *Marques* é uma figura completa, um typo de interesse que se nos apresenta integro e perfeito, trazido á clara comprehensão do nosso espirito por meia duzia de episodios intensos que o revelam. E isso é muito no meio d'uma litteraturasinha em segunda mão que, na semsaboria das suas melhores obras, nos costuma dar apenas manequins ou espantalhos.

A historia d'esse *Marques* que por signal era Marcos, tirado n'uma terça feira gorda do ventre da mãe morta, por um doutor com guiseiras de cavallo ao pescoço e chapéu de funil na cabeça, todo em guizos e azes de copas, vestido de palhaço, d'esse *Marques* ou Marcos que na rua esbarrava com toda a gente, a quem aconteciam a cada passo coisas de que só elle se queixava, que perdeu uma filhinha morta quando a conduzia nos braços para a cova, d'esse *Marques* que não estava bem em parte alguma, tinha medo da solidão e soffria com tristeza um enorme pavôr de

toda a gente,— essa historia original, com grotescos que arrepiam e tristezas que fazem rir, é, pelo mesmo symbolo da bizarra figura d'homem cuja vida nos conta, um capitulo interessante de pathologia nervosa que bem cabe no estudo d'uma raça que se esfacella esbracejando, agonisante, n'uma sociedade de cansados.

Sem duvida, essa arte desconsoladora, deprimente, tem seus contras, e ninguem mais que eu a julga discutivel e mesmo se quizerem condemnavel até certo ponto. E sobre esse defeito que é geral o livro do sr. Lopes-Vieira tem mais outros, quaes o de uma vacillação clara nos processos e um estylo um pouco aos altos e baixos, desigual, que decerto vae ainda longe da forma definitiva que o auctor assentará mais tarde em outras obras. Mas comtudo e a despeito de tudo, esse estylo é já espontaneo, expressivo, tem côr, novidade na construcção e nas imagens e, acima d'isso, tem talento — essa coisa deante da qual não ha escolas más, nem processos d'arte, sejam elles quaes forem, que não valham.

#### PERFIS SUAVES, por Julio Brandão.

N'uma edição linda, feita com o concurso d'alguns dos nossos desenhistas, o sr. Julio Brandão publicou recentemente os seus *Perfis Suaves*.

Tenho de mais uma vez registrar no auctor do *Livro da Aglaïs* um estylista muito distincto, que sabe dar á sua forma o raro encanto d'um colorido discreto. E os elogios ficam por aqui, porque não posso descobrir nos seus *Perfis* d'agora uma pagina de emoção que impressione nem um audaz arrojo d'arte que nos prenda.

Quanto ás rapsodias populares que fazem parte do volume, vem a pello dizer que alitterar aquellas coisas é sempre, até certo ponto, prejudicá-las o que de resto parece que o proprio auctor comprehendeu, envidando os seus esforços por attingir na reproducção escripta das historias aquella singeleza ingenua que lhes cabe, esforços que, valha a verdade, não lograram o exito inteiro que seria bem de desejar.

Têm comtudo os *Perfis* a boa qualidade de... não terem grandes defeitos e isso, com mais a verdade garantida do appellido, recommenda-os á leitura de creaturas cujos nervos se não defrontem sem transtorno com trabalhos de intensidade dramatica de vulto.

CARESTIA DA VIDA [NOS CAMPOS, por Bazilio Telles.

Este volume, que faz parte da «Bibliotheca de estudos sociaes contemporaneos» que os di-

ligentes editores srs. Lello e Irmão estão publicando, notabilisa-se como trabalho d'um persistente e honesto esforço, posto n'uma bella forma, clara e sobria. O sr. Bazilio Telles, possuindo um estylo que muitos prosadores d'arte invejariam, sua-visa sem custo a exposição das suas ideias sobre questões d'economia; a aridez dos numeros que se enfileiram n'um rigor d'argumentação irreprehen-sivel, corre sem empeno, n'uma maneira de dizer que allicia o nosso agrado.

O sr. Bazilio Telles e o sr. Anselmo d'An-drade são hoje na nossa terra, como economistas a valer, dois trabalhadores probos e intelligentes cujas opiniões se devem escutar com respeito e cujos livros merecem sempre uma acolhida leal de sympathia.

EU, por Alfredo Pimenta.

Um caso clinico:

*Observações:* — Alfredo Pimenta, de vinte e tantos annos, habitante de Guimarães, plumitivo. Typo insexual, rosto sem pello, labios d'outra raça, olhar parado. Tendencias asininas em artigos de jornaes. Foi-me impossivel averiguar a existencia de quaesquer toxi-infecções de vulto nos tempos de menino. O doente tem momentos de verbosidade durante os quaes está provado

que não sabe o que diz. Contradições a cada passo. E' uma vez por outra impulsivo, capaz de atirar com o que tiver á mão ao transeunte que passe descuidado. D'uma variabilidade de humor que vae da alegria intensa á irritação e ás lagrimas e o obriga de vez em quando a cabriolar como um macaco. Tendencia para a imitação inconsciente, provada pelo anarchismo e pela admiração pelo sr. Junqueiro que o doente, em horas vagas, parodia. Os versos perpetrados pelo doente são prova segura da debilidade mental que o apoquentá.

*Diagnosticó* — Imbecilidade.

*Therapeutica* — Será conveniente a pratica de exercicios, movimentos rythmicos e banhos salgados, aromaticos e tonicos. Regularidade nas horas de comida e sempre á cautela com as perturbações gastro-intestinaes. Cuidadoso tratamento pedagogico, que Bourneville, ao que se diz, empregou com surprehendentes resultados.

*Prognostico* — Incurabilidade.

*Bibliographia* — Para mais amplo estudo do caso podem servir de guia o trabalho de Sollier sobre a *Psychologie de l'idiot*, o de Julio Dantas sobre *Poetas e pintores em Rilhafolles*, qualquer obra de psychiatria como, por exemplo, a de Weygandt, ou algum dos livros do eminente alienista nosso patricio, sr. dr. Julio de Mattos.

*Conclusões* — E' claro que á vista do exposto não ha duvida alguma de que o snr. Alfredo Pi-

menta, auctor do livro *Eu* agora exposto á venda é uma creatura manifestamente irresponsavel e que os seus versos enfileiram sem desdoiro ao pé de companheiros seus de obras de hospicio. Por via dos accessos delirantes, eu aconselho comtudo ás pessoas das suas relações que o prendam curto.



SR. Pequito, ministro da fazenda.

Eu não sei, mas desconfio que se não escrevesse estas letras sobre o novo ornamento do feliz governo que nos rege — rebentava. E o meu estoiro não podia em nenhum caso ser indifferente ao emerito estadista, quer s. ex.<sup>a</sup> o visse piedosamente, como simples mortal, quer o encarrasse com a sua carranca severa de homem publico; no primeiro caso porque a bondade d'alma de s. ex.<sup>a</sup> gosa do maximo conceito e no segundo porque, sendo eu contribuinte e sabendo-se por uma regra de três simples, que é o abc da sciencia dos numeros em que s. ex.<sup>a</sup> é versadissimo, que se  $n$  contribuintes dão a quantia de  $x$  para o Estado,  $n-1$  darão a quantia  $y < x$  como á pri-

meira evidencia se nos mostra, é certo que o meu estoiro desfalcaria de qualquer modo as finanças publicas que, n'este momento solemne da sua vida de homem grande, s. ex.<sup>a</sup> administra.

Ora é preciso que saibam todos quantos estas lerem, que contra o novel ministro da pecunia publica se commetteu um attentado que certamente se fez seguir d'outros mais graves: que houve seducção á sua boa-fé com a enganadora promessa de doiradas nupcias com a Gloria e que segundo todas as probabilidades se deu o estupro da sua innocencia de homem puro com a aggravante assustadora da contaminação de má peçonha. E' uma fiada pavorosa de grandes e horriveis crimes a que correspondem no .codigo penal as represalias da lei mais violentas. E' qualquer coisa como  $4$  annos de penitenciaria com  $8$  de degredo,  $4 + 8 = 12 \times 365$  dias sem as liberdades que nos deu o sr. D. Pedro IV, mais outras muitas que já nos era licito fruir mesmo antes d'essas.

Ah! mas que s. ex.<sup>a</sup> se não illuda com a fallaz esperanza da *vendetta* que lhe possam suggerir estas palavras! Infelizmente as leis não são para todos. Na administração da justiça nem sempre as coisas correm com aquella precisão admiravel das mathematicas ás quaes s. ex.<sup>a</sup> consagra a grande parte da sua existencia d'homem sabio. Lá, meu illustre sr. ministro, é sempre  $4 + 5 = 9$ , na justiça dos homens, se  $5$  é influente d'importancia,  $4 + 5 > 9$  e não é pouco. Ora n'este

caso o auctor do delicto em que s. ex.<sup>a</sup> perdeu decerto com os mais pungentes ais e lagrimas o melhor da sua virgindade de homem publico chama-se Ernesto, chama-se Rodolpho, chama-se Hintze, chama-se Ribeiro e, sobre ser, principe do Tosão, é primeiro ministro d'El-Rei de Portugal.

Podia, ainda, é certo, s. ex.<sup>a</sup> fazer berrata, requerer exame medico e impor o consorcio com essa Gloria esquiva que promettiam aquellas enganadoras fallas que o venceram. Aconselhe a que o não tente: a boa da senhora ha já muito que está compromettida com o snr. Paçô-Vieira...

A s. ex.<sup>a</sup> aconteceu no fim de contas tragedia analogia á d'aquella inditosa Gilda do *Rigoletto*, conhecimento velho de nós todos.

Estava Pequito posto em socego, de seus numeros colhendo o doce fruto, quando uma creatura lhe surgiu subitamente, fazendo-o deixar uma raiz quadrada em meio, tal qual como á pobre Gilda ficaram em meio os sonhos puros do seu coração enamorado,

Sognando o vigile, sempre lo chiamo,  
E l'alma in estasi, gli dice t'a...

quando o duque de Mantua transpoz a porta do jardim, irresistivel no seu disfarce de estudante, a terminar a phrase de joelhos aos pés da desamparada menina:

T'amo ; repetilo, si caro accento,  
Um puro schiudimi, ciel di contento !

E disse-lhe:

«— Eu sou aquella figura de encanto que entreviste —lembras-te? — na tua cadeira de deputado ás côrtes. Amo-te. Vem.

Ah inseparabile d'amor il Dio  
Stringeva, o vergine, tuo fato al mio !

Coroar-te-ha de loiros a gratidão da nação com musica do teu ex-collega André de Freitas, terás chapeu armado, terás o tosão d'oiro, honras de principe, e, no dia final do teu destino na terra, subirás em coche rico para esperar o centenario sob a architectura sumptuosa dos Jeronymos. Vem.

È il sol dell'anima, la vita è amore,  
Sua voce è il palpito del nostro core...

A tua belleza estiola-se entre as partidas dobradas que te consomem. Ha muito tempo já eu tinha sentido que a minha vida era uma equação a uma incognita; só agora pude finalmente comprehender que n'essa equação o  $x$  és tu...»

S. ex.<sup>a</sup>, de olhos baixos, côr de rosa, desfolhava um malmequer. E foi então com voz sumida que deixou sahir aquellas palavras que foram a perdição da pobre Gilda:

Il nome vostro ditemi. . .  
Saperlo non mi lice ?

E o seductor, em voz altiva: «— Eu sou a Gloria!» já quando a *dueña* que, como na peça, andava de combinação em tudo isto e era afinal o proprio snr. Matheus d'Azevedo disfarçado, avisava de que eram horas de. . . passar á ordem do dia.

A estranha creatura ergueu o manto e foi.

Dentro, ainda o sr. Pequito, meditabundo, com uma tabôa de logarithmos posta de banda e um agitado tremôr em todo elle, ia cantando :

*Gloria!* . . . nome di lui sì amato  
Scolpisciti nel core innamorato !  
Caro nome che il mio cor  
Festi primo palapitar,

e por ahi fóra até ao gorgeio lyrico do fim.

Mas em volta da casa de s. ex.<sup>a</sup> iam-se agrupando vultos de rebuçados: era o sr. Moraes Carvalho, era o sr. Santa Rita, era o sr. Abel Andrade, era a maioria em peso, e d'uma esquina, desconfiado, pé ante pé, de fero aspecto, surgiu em breve o Protesto Nacional, n'aquelle conhecido preparo em que na peça de Verdi faz das suas o atribulado bôbo. Vendaram-lhe os olhos receiosos e logo um dos sitiantes galgou o muro e entrou no quarto de s. ex.<sup>a</sup>, exactamente quando

o seu talento manobrava com dextresa um multiplicador de quatro letras.

O que occorreu depois decerto se calcula, S. ex.<sup>a</sup> desmaiou; levaram-no sem accordo ao ministerio da fazenda, puzeram-no... de farda e chapéu de bicos e atiraram-n'o depois para o remanso da opinião publica no centro do qual o Protesto enraivecido esperava. O feio animal pediu-lhe contas e s. ex.<sup>a</sup> disse-lhe com lagrimas na voz que o mal estava feito e já agora seria melhor deixar correr.

O Protesto então jurou vingança.

Si, vendetta, tremenda vendetta  
Di quest'anima è solo desio...

Até aqui a narração fiel dos factos. Cabe agora a vez á prophécia. Ou eu me engano muito ou a historia de s. ex.<sup>a</sup> n'esta estranha aventura seguirá até ao fim, e passo a passo, a da pobre Gilda convencida pelas palavras seductoras do duque folgazão.

O Protesto Nacional jurou vingança e, como o Rigoletto da peça, tratará de executá-la. O objectivo, é claro, será dar cabo do snr. Hintze, que é o duque de Mantua de toda esta desgraça. Simplesmente aqui Sparafucile não ha-de ser um só, mas uma meia duzia d'elles pelo menos: o snr. dr. Affonso Costa, o snr. dr. Augusto de Castro, o snr. dr. Fernandes, o snr. José de Pimentel e

mais outros valentes manejadores do bacamarte da rhetorica. E sabem os senhores quem intervirá na contenda desviando a arma homicida, como na opera soe fazer a Magdalena, irmã do matador? Ha-de ser o snr. Alpoim, elle mesmo, que, rendido ás graças do principe Hintze, fará saber aos instrumentos do Protesto que matar o presidente será matar-lhe, a elle Alpoim, o coração.

Somiglia un Apollo quel giovine... io l'amo...

Ei m'ama... riposi... nè più l'uccidiamo...

Caberá então ao sr. Pequito infeliz a horrenda sorte e, ou eu me engano muito, ou o panno ha de cahir sobre a raiva impotente do Protesto indignado.

---

# AGUILHADAS

Volumes de 16 a 32 paginas

EM PORTUGAL

NO BRASIL

Numero avulso, 50 reis  
Serie de 12 n.<sup>os</sup> (pag. adeant.) 500 reis

Numero avulso:  
300 reis (moeda fraca)

---

## LIVROS NOVOS

---

<i>Antonio Corrêa d'Oliveira</i> — <i>Raiz</i> , versos. Ed. França Amado. —1 vol. de 326 pag. . . . . .	800
<i>Bruno</i> — <i>O Encoberto</i> , critica historica. Ed. Moreira. — 1 vol. de 381 pag. . . . . .	700
<i>Henrique de Mendonça</i> — <i>Reino dos Céos</i> , romance. Ed. Em- presa Litteraria e Typographica.—1 vol. de 448 pag. . . . .	800
<i>João de Barros</i> — <i>Dentro da Vida</i> , versos. Ed. França Amado.— 1 vol. de 70 pag. . . . . .	300
<i>Julio Dantas</i> — <i>Um Serão nas Laranjeiras</i> , comedia. Ed. Tavares Cardoso.— 1 vol. de 246 pag. . . . . .	700
<i>Julio de Lemos</i> — <i>Campesinas</i> , (quadros do Minho). Ed. Tava- res Cardoso.—1 vol. de 262 pag. . . . . .	500
<i>Mayer Garção</i> — <i>A minha Paysagem</i> , versos. Ed. França Amado. —1 vol. de 80 pag. . . . . .	400
<i>Paulo Osorio</i> — <i>Historia d'um Morto</i> , conto (2. <sup>a</sup> edição). Ed. Ta- vares Martins.—1 vol. de 32 pag. . . . . .	100
<i>Pedro d'Azevedo Tojal</i> — <i>Foguetario</i> , poema heroe-comico, pre- faciado e revisto por <i>Mendes dos Remedios</i> . Ed. Fran- ça Amado.—1 vol. de 64 pag. . . . . .	200

---

## Bibliotheca das traducções

---

Sahiu a *Actea* de Alex. Dumas. Segue-se a *Sultanetta* do mesmo auctor e *Herdeiro de Robinson* de Laurie. Volumes de mais de 300 pag. a 100 reis.